

ENTRE O IDOSO E A SOCIEDADE – O DISCURSO: ANÁLISE DA LINGUAGEM DE SUJEITOS IDOSOS PARTICIPANTES DE UM GRUPO DE CONVIVÊNCIA

Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo (UNICAP)

nadiaazevedo@terra.com.br

Larissa Petrusk Santos Silva (UNICAP)

larissapetrusk@hotmail.com

Daniele Siqueira Veras (UNICAP)

daniele.veras@gmail.com

Adriana dos Santos Leite (IMIP)

adrianasleite08@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Com o aumento gradativo da população idosa em nossa sociedade, os estudos sobre a linguagem do idoso tem sido foco das pesquisas da psicologia e da linguística. Muitos trabalhos contemplam e contribuem para os estudos da linguagem do idoso na sociedade. Entre as pesquisas que utilizam o discurso do idoso, e aproximam-se, como nós, de um aporte teórico respaldado em uma teoria linguística, destacamos Machado (2008), a autora, utilizando a Análise Crítica do Discurso, analisa a representação e as características identitárias da pessoa idosa. Souza (2002) analisou o discurso da sociedade, através dos jornais impressos, sobre o idoso. Júnior e Freitas (2011), mais próximos da nossa pesquisa, analisou, utilizando a análise do discurso pechetiana, o idoso no discurso midiático. O aporte teórico deste trabalho foi a Análise do Discurso pechetiana. A escolha pela Análise do discurso como dispositivo teórico e de análise nos faz, essencialmente, levar em consideração o discurso do sujeito-idoso valendo da importância de tudo aquilo que o constitui e o torna sujeito, não falante, não um indivíduo, mas um sujeito que ocupa diferentes posições, constituído por ideologia(s) e interpelado/atravessado por interdiscursos. Sujeito que é essencialmente histórico, ou seja, o sujeito que fala de um lugar e tempo determinado, essa noção estará intimamente relacionada com a noção de sujeito ideológico, afinal, é no discurso do sujeito que a ideologia se materializa. Quais posições esses sujeitos ocupam? De onde o idoso fala? Para quem ele fala? Quais as condições de produção do discurso desse sujeito? A Análise do Discurso (AD) toma por base o discurso como acontecimento, enquanto “efeitos de sentido entre locutores” e propõe a noção de funcionamento, ou seja, a relação existente entre condições materiais de base (língua) e processo (discurso). É a partir do funcionamento discursivo dos sujeitos participantes desta pesquisa que se deu a análise, acreditando que o discurso marca a posição desse sujeito no mundo, podendo identificar assim de onde ele fala e quais posições esse sujeito (idoso) ocupa. O trabalho teve como objetivo analisar os discursos dos sujeitos-idosos participantes do grupo de convivência da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), analisando as características linguísticas, os efeitos silenciadores no discurso e posições discursivas desses sujeitos. A análise foi feita a partir dos recortes discursivos retirados de seis oficinas realizadas no grupo de convivência de UNICAP.

1. Apontamentos sobre a Análise do Discurso Pechetiana (AD)

Para uma abordagem discursiva, partiremos de uma noção de sujeito que é essencialmente histórico, ou seja, o sujeito que fala de um lugar e tempo determinado, essa noção estará intimamente relacionada com a noção de sujeito ideológico, afinal, é no discurso do sujeito que a ideologia se materializa.

Para a Análise do Discurso (AD) não há falante, locutor, nem emissor, receptor – não são apenas isso -, há o sujeito, isso é uma ruptura com as grandes teorias linguísticas, talvez a mais significativa para a teoria (POSSENTI, 2011). O outro agora não é destinatário, nem receptor da mensagem dada pelo emissor, o outro constitui o sujeito, outros discursos constituem o discurso do sujeito. A AD considera ainda que este sujeito pode ocupar diferentes posições discursivas, não é um sujeito estanque, agora é marcado pela incompletude, falhas. A linguagem é heterogênea, afetada pela exterioridade, distanciando-se, assim, de uma “clareza”. Orlandi, precursora da AD no Brasil afirma:

A linguagem tem como condição a incompletude e seu espaço é intervalar. Intervalar nas duas dimensões: a dos interlocutores e a da seqüência de segmentos. O sentido é intervalar. Não está em um interlocutor, não está no outro: está no espaço discursivo (intervalo) criado (constituído) pelos / nos dois interlocutores. Assim como não está em um segmento, nem em outro, nem na soma de todos os segmentos que constituem um texto determinado. Está na unidade a partir da qual os segmentos se organizam (Orlandi, 1987, p.160-161).

Na AD francesa recusa a concepção de uma língua homogênea, uma língua transparente, completa. Assim como a linguagem não é “uma” linguagem (única/ “perfeita”), recusa-se um sujeito “uno”. Entre o intervalo de um sujeito para o outro está o espaço discursivo de ambos, de “todos”, discursos circulam ali.

A análise do discurso francesa, fundada por Michel Pêcheux, sob forte influência de Althusser (conceitos de ideologia) e Foucault (discurso), passou por três épocas diferentes e importantes para a sua constituição e para o que é hoje. Aqui, tomaremos por base a sua última fase.

A AD nasceu tendo como base a interdisciplinaridade, no entanto, esse termo não seria o mais “correto” para a análise do discurso. A AD não é um “acordo” ou um diálogo entre a História, Linguística e uma Teoria do Discurso. A AD questiona cada uma dessas disciplinas e faz deslocamentos em conceitos de cada uma delas. “A AD pode tratar de cada um desses ‘temas’ – mas os tratará *rompendo* com o que a linguística faz em cada um deles.” (POSSENTI, 2011, p. 357).

Orlandi (1987) afirma que a AD surgiu no entremeio de três regiões do conhecimento científico: o Materialismo Histórico (teoria das formações sociais e suas transformações), compreendida aí a teoria da ideologia; a Linguística, (teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação) e a teoria do discurso (teoria da determinação histórica dos processos semânticos), a própria autora utiliza o termo “des-disciplina”, confrontando os argumentos que a AD seria a junção das três áreas de conhecimento. Brandão (2004) afirma que além de englobar essas três regiões de difícil articulação elas ainda são atravessadas por uma teoria da subjetividade – de natureza psicanalítica.

Um dos conceitos mais importantes da AD é o de “língua”. A Análise do Discurso não acredita no sentido “óbvio” de uma palavra. Assim, não acreditamos em

uma língua transparente. O “*é claro que eu falei isso...*”, ou “*eu não quis dizer isso...*” são expressões clássicas (e cruas) de que os sentidos circulam, e não é único, e nem tudo está dito. Acreditamos na falha, na falta; Authier-Revuz (2010), em um texto de 1971, fala de uma “falha de nomear”:

“é dessa falha em nomear – que, para o sujeito falante é particularmente *falha para se nomear*, falha para dizer a verdade que “não se diz toda *porque as palavras faltam* (Lacan) – que estruturalmente se constitui o sujeito, em um irreduzível desvio [*écart*] de si mesmo, sujeito, pelo fato de que é falante e, por consequência do que ele é, *falho* (grifo nosso).”

A AD acredita que a língua tem um funcionamento “parcialmente autônomo” – que funciona segundo regras da morfologia, sintaxe – uma ordem própria – no entanto, é a partir o processo discursivo que se põem a funcionar. Pêcheux (2010), em AAD-69, faz referência a Saussure quando fala do “deslocamento conceitual” que o estruturalista faz quando começa a pensar a língua como *sistema*, em vez de ser compreendida (também) como tendo uma *função* de exprimir sentido, demonstrando que é a partir desse (função) é que se pode falar em *funcionamento*.

Para a AD os sentidos se dão no interior das Formações Discursivas (FDs), conceito importantíssimo para a teoria e para o nosso estudo, juntamente com o de Formação Ideológica (FI), já que o analisaremos a articulação da ideologia com o discurso. São as formações discursivas que determinam “o que pode e deve ser dito” a partir da posição que o sujeito ocupa. As FDs envolvem dois tipos de funcionamento: a paráfrase (enunciados são retomados e reformulados num esforço para que esses enunciados não percam sua essência/identidade), - Orlandi (1984) fala em polissemia (que seria o oposto da paráfrase, seria a multiplicidade de sentidos de um posto em um enunciado); e o pré-construído: “é o elemento que irrompe na superfície discursiva como se estivesse já-aí”.

É a partir da noção de Formações Discursivas que a noção de sentido na AD torna-se relevante. Possenti (2011, p.371) afirma que “o sentido de uma palavra (ou expressão mais ou menos equivalente) se resolve na medida em que uma delas pode ser substituída por outra, no interior de uma certa FD”.

De acordo com Brandão (2004, p.46) uma das formas pela qual a instância ideológica (formações ideológicas) funciona é a da “interpelação ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico”. Assim, o sujeito acredita que é “senhor de sua vontade”. Isso significa dizer que os discursos são comandados por formações ideológicas, é nele (discurso) que a ideologia materializa-se. Assim como o discurso é algo que constitui o sujeito, a ideologia constitui o discurso.

Um conceito muito importante em AD e, conseqüentemente, para a análise da linguagem dos sujeitos desta pesquisa é o de “condições de produção”. Levaremos em consideração a abertura da terceira época da Análise do Discurso, em uma de suas principais obras, *Discurso: Estrutura ou Acontecimento* (1988), de Michel Pêcheux. Quem fala “produz” seu discurso de um determinado lugar e de uma determinada posição, são as formações imaginárias que marcam o lugar de quem fala e quem ouve: um professor falando com um aluno, por exemplo. As “formações imaginárias” são as relações entre esses lugares, aquele que fala e o interlocutor imaginam aquilo que fazem e que o outro faz, por antecipação, assim, “o locutor experimenta o lugar de seu ouvinte”. Orlandi (1987) afirma:

A relação de forças (os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso), a relação de sentido (o coro de vozes, a intertextualidade, a relação que existe entre um discurso e os outros), a antecipação (a maneira como o locutor representa as representações do seu interlocutor e vice-versa) (Orlandi, 1987, p.158).

Um conceito importante para a compreensão do discurso do sujeito da nossa pesquisa é o de silenciamento. A AD trata o silêncio como um modo de estar no sentido, é, ainda, acreditar que “as palavras transpiram silêncio” (Orlandi, 2007, p.11). outra maneira de compreender o silêncio é o estudo do silenciamento, como Orlandi propõe, neste caso, é o “pôr em silêncio”. Nessa forma não é o silêncio por escolha do sujeito quando está construindo um discurso, neste caso, vários outros são silenciados, não por serem silenciáveis, mas pela situação/contexto que permite, ou não, a ocorrência de outros sentidos; estamos falando em silêncio de pôr em silêncio, “nos mostra que há um processo de *produção de sentidos* silenciados” (ORLANDI, 2007).

De todas as formas: há um sentido no silêncio. Quando o cuidador, o médico, a família, a mídia, os abrigos “falam” pelo sujeito-idoso, são discursos que silenciam, que censuram ou falam por eles. Há ainda o sujeito prefere não ocupar o lugar de falante, “quando não falamos, não estamos apenas mudos, estamos em silêncio: há o “pensamento”, a introspecção, a contemplação etc (ORLANDI, 2007, p. 35). Analisaremos os discursos dos sujeito-idoso levando em consideração o silêncio através da teoria da AD.

2. Considerações sobre envelhecimento

Assim como os outros segmentos etários (jovens, crianças e adultos) o processo de envelhecimento estabelece relação com vários segmentos (econômicos, comerciais, político, cultural). A demanda de pesquisas sobre saúde, projetos e concursos culturais, leis para idosos vem em crescimento constante. No Brasil, segundo dados do IBGE, na década de 1970, cerca de 4,95% da população brasileira era de idosos, percentual que pulou para 8,47% na década de 1990, havendo a expectativa de alcançar 9,2 em 2010. De acordo com Cançado (1996), o aumento do número de idosos também tem sido acompanhado por um acréscimo significativo nos anos de vida da população brasileira. A esperança de vida, que era em torno de 33,7 anos em 1950/1955, passou para 50,99 em 1990, chegou até 66,25 em 1995 e deverá alcançar 77,08 em 2020/2025.

Santos (2004) afirma que o envelhecimento não é um processo que ocorre apenas em um período da vida, a partir do nascimento até a morte, no entanto é na velhice que o processo torna-se mais evidente. Como descreve Martins (2002), os fenômenos do envelhecimento e da velhice e a determinação de quem seja idoso, muitas vezes, são considerados de acordo com as modificações que ocorrem no corpo do sujeito. Mas, assim como em todas as fases do ser humano, a mudança também ocorre na forma de pensar, de sentir e de agir dos seres humanos que passam por essa etapa do processo de viver. A mesmo autor afirma que o conceito velho é abstrato, em sua pesquisa ela analisa que a sociedade prefere conceituar o termo idoso, o termo velho está ligado a pessoa (sujeito) sentir-se velho, o termo idoso estaria ligado à um sujeito que tem idade avançada mas continua ativo, participante.

Em Mucida, (2006, p.181), tratando a velhice através da psicanálise, afirma que “ há o atemporal – o sujeito não envelhece -, como também um tempo que passa marcando a velhice no real do corpo e por muitas perdas que serão mais incisivas e

inexoráveis com a idade”. O sujeito não envelhece, ele vê e acredita na sua velhice pelo olhar o Outro.

3. Análise e Discussão

Entre o Idoso e Sociedade: O Discurso

Eu não me rebelo contra a ordem universal. Afinal, vivi mais de setenta anos. Tive o bastante para comer. Apreciei muitas coisas - a companhia de minha mulher, meus filhos, o pôr do sol. Observei as plantas crescerem na primavera. De vez em quando tive uma mão amiga para apertar. Vez ou outra encontrei um ser humano que quase me compreendeu. Que mais posso querer?"

[Freud em uma entrevista rara falando sobre envelhecer]

A escolha pela Análise do discurso como dispositivo teórico e de análise nos faz, essencialmente, levar em consideração o discurso do sujeito-idoso valendo da importância de tudo aquilo que o constitui e o torna sujeito, não só um sujeito falante, mas um sujeito que ocupa diferentes posições, constituído por ideologia(s) e interpelado/atravesado por interdiscursos. A Análise do Discurso (AD), disciplina fundada por Pêcheux na França, toma por base o discurso como acontecimento, enquanto “efeitos de sentido entre locutores” (PÊCHEUX, 1990) e propõe a noção de funcionamento, ou seja, a relação existente entre condições materiais de base (língua) e processo (discurso).

A partir da análise dos recortes discursivos retirados de oficinas realizadas no Grupo de Convivência de Idosos da Universidade Católica de Pernambuco, localizada em Recife. A partir da análise dos recortes discursivos retirados das seis oficinas realizadas no grupo de normo idosos. Os sujeitos poderiam ser de qualquer gênero, acima de 60 anos e estar ciente do trabalho realizado e aceitar participar do estudo.

Na oficina “**Localizando-se na sua cidade**”, as figuras selecionadas pelas pesquisadoras foram da cultura regional de cada estado. Vale ressaltar que, para a AD, analisar o discurso significa abordar a história do sujeito (produtor do discurso), situação de produção e ideologia, na AD procura-se (e acredita-se) na não-transparência da linguagem. Naturalmente, o sujeito não tem consciência de que seus dizeres já foram ditos, ou seja, na produção de seu discurso, há uma relação com o interdiscurso (ou memória discursiva), com aquilo que já foi dito. Vamos ao recorte da atividade um:

Recorte discursivo 1

S = Sujeito

P = Pesquisadora

[Carnaval do Recife – Figuras do Galo da Madrugada (Bloco carnavalesco) e Bonecos gigantes de Olinda]

P1- Essa figura agora eu não sei se vocês conhecem.

S1- É o galo, minha filha. É o galo da madrugada.

S2- Dizem que é o maior bloco do mundo.

P1- Galo da madrugada.

S3- Essa é o carnaval de Olinda.

P1- Muito bem, é o carnaval de Olinda.
E esses aqui, quem são?

S4- É os bonecos de lá de Olinda.

S1.2- O carnaval também é o frevo.

P1- É a nossa cultura.

S5- O melhor carnaval é o daqui mesmo.

P2- E a senhora sabe qual é essa tradição do São João?

S6- São as quadrilhas.

S7- É tradição aqui, agora hoje você vê... no meu tempo a roupa de quadrilha não eram assim era de matuto, de matuto mesmo toda estampadinha. Estampadinha, agora está toda papagaiada no meu ver.

S6.2- Era com biquinho, com babado, assim ou assim. Agora tá diferente.

A partir do conceito de memória discursiva, entendemos que é aquilo que recupera ao que já foi dito e constitui aquilo que falo (interdiscurso) e ao mesmo tempo é o lugar onde ocorrem os apagamentos para as “atualizações” do “meu” dizer. Em S7 e S6.2, a festa de São João é tradição, no entanto, em seus discursos estão marcadas as diferenças entre “*no meu tempo*” e “*hoje*”; é pelas formações discursivas que permitem o sujeito se posicionar (e identificarmos) o sujeito historicamente.

É através do interdiscurso (ou pela força dele) que nosso dizer (ou discurso) faz sentido. O Galo da Madrugada (tradicional bloco carnavalesco do Recife e maior bloco carnavalesco de rua do mundo) e as ladeiras da cidade de Olinda são conhecidos pela sua tradição no carnaval, o que faz com que os discursos entre as pesquisadoras e sujeitos-idosos circulem: todas ocupam a posição de cidadãos recifenses e conhecedoras dessas “informações”. Esse é o interdiscurso, discurso que circula, que “fala antes” e constitui o “meu dizer/aquilo que digo”, corresponde àquilo que já foi dito, o esquecido, mas que afeta o sujeito que fala, ou melhor, constitui o discurso do sujeito: S2 e S5.

Na oficina dois “**Complete a Música**” foram escolhidas seis músicas para que os sujeitos-idosos a completassem e cada vez que a pesquisadora as parasse trariam também as lembranças e curiosidades sobre as músicas e cantores.

Recorte discursivo 2

P3 - Qual música é ?

S8- Como é grande o meu amor por você.

P3- Não

S9- Emoções.

P3- É!

P3- Quem lembra da letra?

S10- “Quando eu estou aqui eu vivo esse momento lindo...”.

Todos – Risos.

Nesta oficina, a interdiscursividade, ou a confluência entre discursos já ditos e imediatos é evidente. Há um conhecimento anterior das músicas selecionadas e a memória discursiva gera um efeito quando se pergunta que música é e quem se lembra da letra. Os sujeitos idosos cantam e trazem título das músicas, o que leva à obtenção dos objetivos da oficina.

A oficina de número três “**Relembrando os fatos**” consistia em mostrar um conjunto de figuras da década de 50 até os dias atuais para que os sujeitos, individualmente ou em grupo, narrassem ou nos trouxessem um acontecimento com uma determinada figura escolhida.

Recorte discursivo 3

[Figura – Pelé]

P4- Ele se tornou o rei do futebol...

S11- Pelé, o rei do futebol.

S12- O rei do futebol só esse.

S13- Não é Luiz Gonzaga não? Não tem ele não?

P4- Luiz Gonzaga não. Quantos anos Pelé fez agora?

O que nos chama atenção neste recorte é que, novamente, temos a memória discursiva, o interdiscurso, como cidadão brasileiro, ocupando essa posição, Pelé é o rei do futebol. Em S12, “*só esse*”, marca que não existe possibilidade de outro rei, quem sabe um argentino, o “*só esse*” encerra/silencia a possibilidade de algum outro discurso, ou uma situação de confronto.

De outra forma, S13 é silenciada (inconscientemente) pela pesquisadora, P4. Para S13, a imagem de Pelé lembrou Luiz Gonzaga, grande músico da MPB e um dos maiores representantes da cultura nordestina. De outra maneira, ela saiu de uma visão geral ou de um “ídolo nacional”, que pode não significar muito para ela, para Luiz Gonzaga que poderia ser mais representante para S13 “*Não tem ele não?*”, uma posição que marca mais sua identidade. Há, neste caso, um deslizamento metafórico de *rei do futebol* para *rei do baião*, o que poderia ter gerado novos efeitos de sentido.

O título da atividade quatro foi “**Argumentação**”. Inicialmente, a pesquisadora informou que o tema do debate seria “*Traição*” para o grupo. Cada participante expôs seu ponto de vista e argumentou sobre sua opinião, mediados pelas pesquisadoras que os questionavam fazendo com que a discussão tivesse a participação de todos.

Recorte discursivo 4

P5 – Recentemente, passou na televisão o caso de uma mulher que traiu o marido e foi condenada a morte por apedrejamento. Inclusive, o presidente Lula queria proteger ela aqui no Brasil, defendendo que ninguém deve tirar a vida de ninguém, ninguém tem direito de julgar ninguém... O que é que vocês acham nesse caso, ela devia ou não ser apedrejada?

S14- Não, porque o perdão ((trecho ininteligível))... A gente tem que viver sempre a perdoar! Assim é a palavra do mestre Jesus...

S15 - É...

S16- O marido devia dar uma pisa nela pra ela não fazer mais.

S17 - Hoje em dia tá no igual, mulher trai e homem trai também, agora só que a mulher tem que ter vergonha... respeitar o marido dela.

Para a AD, é no discurso que a materialidade ideológica se concretiza, é no discurso que a ideologia aparece. Como não existe sujeito sem ideologia, e ideologia sem discurso, aí “aparece” a análise do discurso. Dois conceitos essenciais à AD são o de formações ideológicas (FI) e o de formação discursiva (FD). Formação discursiva, de uma maneira bem resumida, determina, para aquele que fala, “o que deve e pode ser dito”. Nas Formações Ideológicas, o sujeito ocupa um lugar, (sem que tenha consciência disso. Na verdade, tem a ilusão de que sabe o que fala, é autor, e “senhor de sua vontade”), em um determinado grupo ou classe social (nesses lugares que os sujeitos ocupam, eles defendem as posições políticas e ideológicas do grupo).

S14 defende que se deve perdoar, porque “*assim é palavra do mestre Jesus*”. É muito provável que S14 ocupe a posição de membro de uma instituição religiosa. O discurso é todo permeado pela ideologia religiosa, o discurso religioso. Quem fala em perdão não é S14, é a “*palavra do mestre Jesus*” que dá credibilidade ou/e garantia ao seu discurso.

No discurso de S16, “*o marido deve dar uma pisa nela*”. Há predominância, neste caso, de um discurso machista, em que a pena por traição é uma “*pisa*”, ou seja, a mulher deve apanhar, independente dos motivos. Desta forma, “*ela não deve fazer mais*”.

O discurso de S17, no entanto, traz um confronto ideológico, ou duas formações discursivas. Primeiro, há uma posição histórica “*hoje em dia tá igual*”. Houve uma época em que um dos gêneros (provavelmente o masculino) traia mais; hoje “*tá no igual*”. O discurso machista está na formação discursiva/ideológica: “*a mulher tem que ter vergonha... respeitar o marido dela*”.

Na oficina de número cinco “**Narrativa de Receita**”, em conjunto, pesquisadoras e grupos, foi-se construindo receitas culinárias, em que os participantes citavam os ingredientes e o modo de preparo de cada receita.

Recorte discursivo 5

Na oficina de número seis, intitulada “**Filme de Humor**”, foram exibidos dois episódios da série Mr. Bean, uma série de humor. O personagem, Mr. Bean, fala poucas

vezes e quando o faz é sempre com poucas palavras. Uma das características do personagem é a ampla utilização de ações e gestos que geram imagens cômicas.

P6- Na primeira parte, ele queria tirar vantagem de tudo!
O que podemos achar disso? É bom? É ruim? É certo?
É errado?

S23: É ruim!

S24: É ruim, né?

S25- Tem que respeitar o direito do outro. Tem que se respeitar o outro que está na frente.

S26- Isso acontece na vida real mesmo, não é só no filme não e a gente não pode nem falar! Tem que abaixar a cabeça e ir embora. É e em todo canto.

Na Análise do Discurso, tomamos o discurso como objeto teórico, objeto histórico-ideológico, é possível dissociar sujeito-discurso-história-ideologia. Acreditamos que o discurso é produzido a partir das práticas sociais de linguagem. Quando o sujeito-idoso remete uma situação do filme para uma experiência vivida, cabe a nós compreender o funcionamento discursivo, os gestos de interpretação do sujeito (relação língua e história) e assim entender os “efeitos de sentido” que foram produzidos. Na relação entre sujeito e sentido, ou sentidos, se dá o discurso. Remeter a uma dada experiência da sua vida significa que o sujeito ocupa uma determinada posição, neste caso, um sujeito que tem o seu direito desrespeitado. Quando S26 diz *“Isso acontece na vida real mesmo, não é só no filme não e a gente não pode nem falar! Tem que abaixar a cabeça e ir embora. É e em todo canto”*.

Considerações Finais

Quando trabalhamos com a análise do discurso observamos que é no discurso que poderemos considerar a relação entre língua e ideologia, compreendendo assim como a língua produz (e faz) sentido por e para sujeitos. Não acreditamos em um “único” sentido no dizer, acreditamos em sujeitos afetados pela ideologia que, em sua prática discursiva, tem a ilusão do único sentido daquilo que fala, e ainda, tem ilusão de ser o dono do dizer. Nas análises dos recortes discursivo observa-se que os efeitos de sentidos são vários, e que, apesar de os idosos estarem na mesma FD há confrontos ideológicos, o que nos faz observar que dentro da FD “sujeito-idoso” há varias posições discursivas por isso existem confrontos de opinião, estranhamentos.

O discurso não seria apenas a transmissão de uma mensagem eficaz elaborada pelo emissor que tem como objetivo tornar comum uma mensagem ao receptor. Pensar a linguagem enquanto discurso é interação, ela (a linguagem) “não é neutra, inocente, e nem natural” (BRANDÃO, 2004). Discurso é efeito de sentidos, isto é, o discurso somente existirá à medida que os interlocutores se “aproximarem” pelo significado ocorrendo assim uma relação de troca, levando em consideração a condição de produção do dizer, o lugar de onde o sujeito fala e para quem ele fala. Ou seja, o discurso do “outro” me constitui e constitui o meu discurso, e só faz sentido porque há.

Ao final da pesquisa observamos a importância de uma escuta (e análise) respaldada em uma teoria discursiva.

Referências

BRANDÃO, Helena. Introdução à análise do discurso. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2004.

ORLANDI, E. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 1987

_____. As formas do silêncio. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi, Campinas, SP: Pontes, 1990.

_____. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Editora Unicamp, 1988 (título original: *Les vérités de la Palice*, 1975).

POSSENTI, Sírio. Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito. São Paulo, SP. Parábola Editorial, 2009.

MACHADO, Selene Marinho. Discurso sobre a pessoa idosa : vozes que falam e vozes que calam. 2008. 234 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008

In: Minayo, Maria Cecília de Souza; Coimbra Júnior, Carlos E. A. Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2002. p.191-209.

Anais do II Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí – Realização Cursos de História, Letras, Direito e Psicologia – ISSN 2178-1281

JUNIOR, A. M.; FREITAS, S. A. A (re)construção da velhice no discurso midiático.

CANÇADO. Epidemiologia do envelhecimento, pp. 16-43. In *Noções práticas de geriatria*. COOPMED, 1996. São Paulo.

MARTINS, C. R. M. *O envelhecer segundo adolescentes, adultos e idosos usuários do SESC Maringá: um estudo de representações sociais*. 2002. 168 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MUCIDA, Ângela. *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTOS, S. S. C. Gerontologia e os pressupostos de Edgar Morin. Acessado em 27 de agosto de 2012. Online. Disponível na internet em <http://www.textossobreenvelhecimento.com.br>